

Brasil



RACISMO
Indiciadas por vídeo no TikTok

Três jovens de ES postaram ofensas a pessoas com quem se relacionaram



URGÊNCIA NACIONAL

JANAÍNA FIGUEIREDO
janeiro, agosto e outubro com 12
assassinatos

SOLUÇÕES DE FORA COMO A VIOLÊNCIA FOI REDUZIDA EM OUTROS PAÍSES

Nos anos 1990, assolada pela atuação do cartel de drogas comandado por Pablo Escobar, Medellín chegou à taxa de 350 homicídios por 100 mil habitantes — o que lhe valeu o triste apelido de “cidade mais violenta do mundo”. Trinta anos depois, após o governo colombiano apostar numa política de recuperação de territórios antes dominados pelo crime e implementar um modelo pioneiro de policiamento baseado em dados, a cidade

conseguiu derrubar seus indicadores criminais e virou destino turístico. Medellín é um dos exemplos mais bem acabados de

locais onde políticas públicas de enfrentamento ao crime melhoraram a qualidade de vida da população. No último dia da série sobre os

gargalos na segurança pública do Brasil, o GLOBO entrevistou especialistas de vários países para detalhar como regiões antes conheci-

das globalmente por seus elevados índices de criminalidade conseguiram superar o passado e evitar modelos de combate à violência.

O economista colombiano Santiago Tobón explica que um dos segredos do sucesso de Medellín é a entrada da Polícia Nacional — maior organização policial do país, que é militar e de ciclo completo (ou seja, é responsável pelo patrulhamento e por investigar crimes — em todos os bairros da cidade).

— Os grupos criminosos se disciplinaram pela capacidade do Estado, nacional e regional, de enfrentá-los. Eles continuaram tendo poder. A diferença é que a par-

tir do ano 2000 a presença policial é contundente — afirma o especialista.

Já na Itália, que conseguiu enfraquecer as máfias, o Estado priorizou o confisco de recursos e bens dos chefes das quadrilhas e de seus herdeiros e também os impediu de seguir comandando os comparsas de dentro da cadeia.

— Os chefes dos grupos mafiosos foram isolados nas prisões, para impedir que continuassem operando nas sombras, as vítimas das máfias receberam apoio do Estado — conta Anna Sergi, professora de Criminologia da Universidade de Essex, no Reino Unido.

Criminosos abandonaram a brutalidade



Medellín. Em 2023, menor taxa de homicídios

Atacado pela máfia, Estado adotou três políticas centrais



Reação. Policiais em Corleone, território famoso da máfia

Estatísticas, tolerância zero e programas sociais



Distante dos anos 80. Madison Avenue, em Manhattan

‘É preciso olhar a qualidade do espaço urbano’



Espaço público recuperado. Caição em Guadalajara

Na Colômbia — onde o presidente Gustavo Petro, eleito em 2022 com a promessa de alcançar a “paz total”, tenta acordos com grupos criminosos e com a guerrilha do Exército de Libertação Nacional (ELN) — o modelo de Medellín continua colhendo bons frutos. Na cidade do traficante Pablo Escobar, morto numa operação policial em 1993, a taxa de homicídios atingiu em 2023 o nível mais baixo de sua história, afirma Santiago Tobón, especialista em segurança e crime organizado da Universidade Eafit. 15 mortes por 100 mil habitantes. Em 1992, foi de 350 para cada 100 mil.

— O crime organizado se disciplinou e entendeu que a violência não é o caminho. Não há regras escritas, mas os grupos criminosos sabem que não se pode matar policiais nem vender drogas fortes — comenta Tobón, que lembra que o crime organizado pagava por cada policial assassinado.

Medellín começou a ser recuperada na presidência de Álvaro Uribe (2002-2010). O governo, explica Tobón, entrou em todos os bairros com agentes da Polícia Nacional, a força de segurança mais importante do país. Sem a recuperação do território — ainda hoje questionado por abusos policiais e violações de direitos humanos — teria sido impossível aplicar programas de combate à violência, frisa o especialista.

— O mais importante foi entrar em todos os bairros da cidade com a Polícia Nacional. Depois vieram os programas de patrulha policial permanente, investimentos em educação, infraestrutura e saúde, e modernização das forças de segurança, com equipamentos de última geração.

Na Itália, o combate do governo nacional contra a máfia siciliana, iniciado há mais de 40 anos, teve uma escalada de violência que, nos anos 1980 e 1990, provocou uma explosão de ataques entre grupos mafiosos e também contra o Estado. O assassinato de juízes, chefes policiais e políticos — como o atentado à bomba que vitimou o juiz Giovanni Falcone — levou a uma reação do Estado italiano que, segundo Anna Sergi, professora de Criminologia da Universidade de Essex, no Reino Unido, “entendeu que o crime organizado tinha se tornado um risco para todos os italianos”.

— Quando a violência se descontrolou e virou uma violência contra o Estado, o problema das máfias deixou de ser visto como regional. A Cosa Nostra pretendia ser um estado paralelo — afirma a especialista.

Dados recolhidos por Gianmarco Daniele, professor da Universidade de Milão e Diretor Executivo de uma unidade sobre a economia do crime na Universidade Bocconi, mostram um declínio expressivo no número de homicídios relacionados à máfia. Passaram de 718 em 1991 para apenas 28 em 2019. Em 2020, houve 271 homicídios na Itália, em comparação com quase 2 mil em 1991. Há três anos, com apenas cinco assassinatos por cada 100 mil habitantes, a Itália foi o país com menos homicídios da Europa, seguido por Luxemburgo, a Noruega e a Suíça.

— Na Itália tivemos três políticas centrais de combate à violência: a criação de uma Direção Central Antimáfia, novas regras de atuação das máfias, e a confiscação de bens dos integrantes — explica a especialista.

Em 1980, Nova York teve 1.814 homicídios, número três vezes maior do que os 438 de 2022. Na década de 1980, drogas como heroína e crack se popularizaram, a polícia era corrompida por criminosos e ocorriam mais de 250 delitos graves por sentença no metrô. Na década de 1990, os homicídios atingiram o pico de 2.245 em um ano. Uma média de seis assassinatos por dia.

Mas em 1994, o comissário da polícia Bill Bratton incorporou o sistema estatístico de rastreamento do crime CompStat, uma das iniciativas que mais contribuiu à diminuição expressiva da violência. O sistema identifica pontos críticos onde crimes estão concentrados. A partir daí, as forças de segurança concentram recursos na prevenção de delitos nessas áreas. De 1994 a 2001, o então prefeito Rudolph Giuliani tornou-se mundialmente conhecido por seu programa de Tolerância Zero, que incentivou a polícia a atacar crimes menores para prevenir os mais graves.

Chicago é outra das cidades americanas marcadas por décadas de violência. Nos últimos anos, iniciativas do governo local e da sociedade, entre elas o Laboratório Criminal da Universidade de Chicago, promoveram estratégias focadas, por exemplo, na saúde pública. Um dos programas implementados foi a Iniciativa Rápida de Emprego e Desenvolvimento, que ofereceu trabalho por 18 meses a um grupo de pessoas identificadas como potencialmente violentas. Em paralelo, elas fizeram terapia cognitivo-comportamental. Num primeiro período de 20 meses do programa, iniciado em 2017, em vários bairros, houve queda de 65% no número de detenções por tiroteio e homicídio.

Mudanças de paradigma são cada vez mais frequentes em cidades que buscam reduzir seus índices de violência. No México, Guadalajara é um exemplo. Como explica o ex-prefeito e consultor em inteligência pública Ismael del Toro, “é preciso olhar mais para o ecossistema social, a qualidade do espaço urbano, e as áreas de maior vulnerabilidade e risco”.

No México, os estados dependem da ajuda da Polícia Nacional, a única com capacidade de enfrentar fortes escaladas de violência e o crime organizado. As polícias locais são mal equipadas e pequenas. Nos últimos anos, conta o ex-prefeito, o governo do presidente Andrés Manuel López Obrador delegou o combate à violência às Forças Armadas, o que provocou críticas. Cidades como Guadalajara, que tem 1,5 milhão de habitantes, buscam caminhos alternativos.

— Nosso modelo está em sintonia com a rede de cidades seguras das Nações Unidas. Nossa polícia local não tem recursos e decidimos mudar o foco — explica Del Toro.

Para o especialista, um dos motivos do aumento da insegurança é a desintegração social. No seu mandato, entre 2018 e 2021, o ex-prefeito recuperou o espaço público, iluminando as calçadas, lugar onde seus moradores disseram se sentir mais seguros, por exemplo. Houve investimento em infraestrutura, e um trabalho dedicado às mulheres.

— A violência contra a mulher era maior, e as protegendo, estávamos protegendo toda a sua família — diz o ex-prefeito. Guadalajara é uma das cidades mais importantes de Jalisco, onde os delitos foram reduzidos em 60% em 2023, os homicídios sofreram queda de 21,2% e os feminicídios, de 38%.

MEDELLÍN

ITÁLIA

NOVA YORK E CHICAGO

GUADALAJARA